

**Intervenção arqueológica**  
**no Largo Zeferino Sarmiento / R.Conselheiro F. Leal**  
Centro Histórico de Santarém

**Relatório de Trabalhos Arqueológicos**

- Dezembro / Fevereiro de 1997

por Maria José de Almeida

**Localização**

A intervenção arqueológica a que se refere o presente relatório situa-se na área de um conjunto habitacional sito no Largo Zeferino Sarmiento / R.Conselheiro F. Leal, Freguesia de Marvila, Centro histórico de Santarém. Esta área é contígua à Torre das Cabaças (Monumento Nacional classificado pelo Dec.nº 14985 de 3-2-1928) e integrada na Zona Especial de Protecção da Torre das Cabaças e da Igreja de S. João de Alporão (DG, 2ª série, nº50, de 3-3-1947).

## **Introdução / Objectivos**

Esta intervenção arqueológica surge na sequência da execução a cargo da Divisão de Núcleos Históricos da Câmara Municipal de Santarém de um projecto de reabilitação urbana para um conjunto habitacional sito no Largo Zeferino Sarmiento / R.Conselheiro F. Leal.

Várias razões colocavam à partida a necessidade de acompanhamento / trabalhos arqueológicos no local, sobretudo decorrentes da execução do projecto aprovado que previa a abertura de sapatas para implantação de pilares, com consequente remoção de terras. Tal como vem sendo hábito em todas as intervenções desta natureza, e se prevê no Plano de Salvaguarda do Centro Histórico de Santarém (em fase de ultimação), a Divisão de Núcleos Históricos assegura o acompanhamento e/ou escavação arqueológica no local como forma a fazer face a eventuais situações de destruição do património arqueológico, assim como proceder ao registo e cartografia do subsolo.

Assim, os objectivos desta intervenção arqueológica enquadravam-se nos objectivos gerais definidos para a actividade arqueológica no Centro Histórico de Santarém, procurando-se aceder a informações sobre o faseamento / caracterização da ocupação do local, potencialidade estratigráfica e tipo de sedimentação. Por outro lado, e sendo esta uma área de intensa ocupação num grande período de tempo, com construções / movimentações de terreno contemporâneas, pretendia-se avaliar o grau e extensão de eventuais perturbações destas sobre os vestígios das fases mais antigas de ocupação do local.

Outra ordem de objectivos prende-se com o Monumento vulgarmente conhecido como Torre das Cabaças ou Cabaceiro. A possibilidade de realizar uma intervenção junto do seu cunhal Nordeste permitiria a resolução de questões relativas à construção da mesma, desde pormenores construtivos até à eventual atribuição de uma cronologia de fundação. Tendo sido já realizada em 1992 uma intervenção arqueológica no interior da Torre, sob responsabilidade de Catarina Viegas, pensava-se também complementar os dados obtidos nessa ocasião, contribuindo assim para uma melhor leitura deste Monumento Nacional, para o qual se prevê a utilização como Núcleo Museológico do Tempo.

## **Síntese Histórica**

A origem da Torre das Cabaças, ou Cabaceiro como também é conhecida, não está ainda definida em termos de cronologia. Genericamente considera-se que foi originalmente uma torre integrada no sistema defensivo da cidade, posteriormente remodelada com funções civis.

A tradição atribui a sua fundação a D.Manuel, existindo uma lenda que associa as sete cabaças de barro que fazem de caixa de ressonância ao sino, às cabeças ocas dos sete edis que mandaram edificar o monumento (Brandão 1883: 507-509). Contudo, a construção da Torre é concertada anterior a 1462, data de um documento em que explicitamente se refere a torre e o seu relógio (Beirante 1981: 47). No entanto, há que ter em conta que a instalação do relógio é posterior à construção primitiva, representando provavelmente um momento de remodelação do edifício em que é acrescentado para esse fim. Esse acrescento corresponderia a um alçamento visível na mudança de aparelho da construção de alvenaria (Custódio 1991: 16).

Assim, a Torre seria numa 1ª fase um edifício militar, integrado no sistema defensivo da cidade (note-se a sobrevivência de um troço de muralha que ainda conserva o adarve, adossado à sua face norte). Numa 2ª fase, teria sido alteada com outras finalidades entre as quais a de servir de torre sineira do município (Custódio 1977). A cronologia da fundação da torre militar também não é conhecida, mas, a aceitar a hipótese de Ângela Beirante em que a Torre das Cabaças corresponderia à "Torre de Alpram", sabemos que esta já existia em 1306, data em que é referida num documento da Chancelaria de D. Dinis (Beirante 1980: 68).

A transformação da torre militar em relógio urbano é um acontecimento comum a outras localidades portuguesas como Montemor-o-Novo ou Mértola, genericamente considerado como característico de um período cronológico que vai dos meados do século XIV ao séc.XV (Custódio 1991:5, 7). Tendo em conta o *terminus ante quo* de 1462 que nos é fornecido pelo documento referido por Ângela Beirante, a utilização da torre militar como torre do Relógio em Santarém é coerente com este fenómeno. A passagem de uma função a outra será resultante de um pedido do Senado local, conforme parece depreender-se de um documento em que se refere a cedência da Torre de Alpram pela parte do rei à Câmara, especificamente para esse fim (Custódio 1991: 7). As condições desta cedência serão a base da hipótese levantada por Jorge Custódio, segundo a qual a existência do Relógio em Santarém remontaria ao início da década de Avis “como resultado de petição dos oficiais da Câmara, face ao apoio dado à causa do Mestre de Avis e como sinal da sua autonomia e organização municipal” (Custódio 1991:7).

Se através das fontes históricas muitas são as hipóteses e dúvidas sobre a fundação / remodelação e significado funcional do monumento singular que é a Torre das Cabaças, mais são as questões que se levantam sobre a sua área envolvente e integração no urbanismo da cidade.

A área do Alpram é desde o século XIII /XIV um importante eixo do ponto de vista económico, afirmando-se como bairro de intensa actividade artesanal e comercial até finais do século XV. O seu pólo religioso é a Igreja de S. Martinho, sendo a área afectada pela intervenção arqueológica parcialmente integrada no seu adro (Beirante 1980: 67-71).

A existência de casas adossadas às muralhas era um fenómeno recorrente em Santarém, como aliás na generalidade dos recintos fortificados medievais. Sabemos da existência de “casas do rei” que eram adossadas à Torre de Alpram, às quais fazem referência documentos da Chancelaria de D. Dinis ( Beirante 1980: 68). Segundo Zeferino Brandão essas casas contíguas à Torre teriam sido também doadas pela Coroa à Câmara para nelas viver o relojoeiro e aí se guardar a charola da procissão do Corpo de Deus (Brandão 1883: 506). As Casas do Relojoeiro são referidas também num documento de 1610, em conjunto com outras também confinantes com a Torre (Custódio 1991:8-9)

Existem referências ao conjunto de casas junto das muralhas no tomo de S. Martinho de 1536, enumerando-se as casas que eram propriedade da Igreja no adro, algumas das quais confinavam com a muralha, com a existência de espaços de jardim / logradouro. É curioso notar a referência a construções parcialmente derrubadas neste local, o que se pode relacionar com o sismo de 1531 ou com outro fenómeno de natureza social. Com efeito, na área da Judiaria, a saída de muitos judeus levou ao abandono e derrocada de algumas casas, conforme nos dá conta um alvará de D. Manuel datado de 1528 em que se manda apregoar que “quem, na Cristandade Nova, tiver pardieiros e casas danificadas e desabitadas deve reconstruí-los no prazo de um ano. Não o fazendo, seriam dados de sesmaria a quem os quisesse levantar” (Beirante 1981: 44-45). Este facto é particularmente significativo do tipo de ocupação do local e das acumulação de entulhos / remoções de terras a que provavelmente foi frequentemente sujeito.

Outra hipótese de trabalho para esta área urbana é a sobreposição da cartografia antiga com a actual, lida complementarmente com as fontes escritas. Foi essa leitura que levou Mário Cardoso a propor a existência junto à Torre de um espaço aberto que funcionaria como “cerca, ante-muro ou pátio” que poderá ter sido ocupado por edificações num momento posterior à sua utilização como “muros de protecção da Torre” (Cardoso: 5-9). O acesso a esse pátio far-se-ia por um postigo ainda visível no local na parede fronteira à entrada do actual Museu Distrital, que o arranjo urbanístico levado a cabo nesta área preservou *in situ*. Esta seria a evidência material da entrada da Torre que se faria, segundo as fontes escritas, “por um beco situado nas traseiras das casas” (Beirante 1980:68). Como base cartográfica, esta interpretação utiliza a planta mais antiga que se conhece da cidade de Santarém, datada entre 1759 e 1780. Contudo, um documento do séc.XV parece confirmar os dados desta planta, apresentando medidas em varas para localização das casas existentes na envolvente da Torre que corresponderiam, ainda segundo Mário Cardoso, à ocupação do referido espaço aberto. A área desta “cerca, ante-muro ou pátio” corresponde, *grossa modo*, na hipótese levantada, ao espaço dos imóveis que foram alvo do projecto de reabilitação urbana em curso.

## **Duração dos Trabalhos / Meios Técnicos e Humanos**

A intervenção arqueológica iniciou-se a 16 de Dezembro de 1996, tendo terminado no dia 4 de Fevereiro de 1997. Os trabalhos foram conduzidos pela signatária tendo contado, na fase de escavação arqueológica propriamente dita, com a colaboração de dois trabalhadores auxiliares: Sr. José Augusto, da Divisão de Obras Municipais, e Sr. Júlio Urna, ao serviço da CMS integrado num Programa Ocupacional do IEFP para trabalhadores carenciados. No que diz respeito à fase de acompanhamento, os trabalhos de abertura das sapatas foram efectuados pela empresa António Jorge L.da. tendo sido utilizados meios mecânicos para a remoção de terras.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada foi determinada pela natureza da intervenção arqueológica e pelas condições e faseamento da execução da obra de reabilitação urbana. Foram contempladas duas fases distintas e complementares: a abertura de uma sondagem arqueológica (seguindo os métodos de registo e leitura estratigráfica propostos por E. Harris e A. Carandini<sup>1</sup>) e o acompanhamento da abertura por meios mecânicos das sapatas para a implantação de pilares.

A sondagem arqueológica realizou-se na área considerada mais sensível do ponto de vista arqueológico e que simultaneamente poderia fornecer mais informações face aos objectivos delineados, nomeadamente no que diz respeito à construção do monumento. A sondagem foi efectuada numa área sub-rectangular com cerca de 2.80 x 2.30<sup>m</sup> junto ao cunhal NE da Torre, sendo condicionada pelo alinhamento e dimensões das construções actuais, apresentando assim um desvio de 12<sup>o</sup> em relação ao sistema de eixos ortogonais de Orientação N/S estabelecido para implantação da área escavada no interior da Torre em 1992. A área inicialmente escavada tinha apenas 2.00 x 2.30<sup>m</sup>, mas teve de ser alargada a Este devido à derrocada parcial do corte estratigráfico já na fase final da escavação. A área escavada é assim limitada a Oeste pelo pano de muralha parcialmente conservado perpendicular à face Norte da Torre, a Sul pela parede-contraforte que encosta à sua face Este e a Norte por uma parede recente de divisão de logradouros com orientação E/W, perpendicular por sua vez ao pano de muralha.

Como ponto de referência para o levantamento altimétrico foi utilizado o ponto da Rua Conselheiro F. Leal cotado com o valor 103.55 metros no levantamento aerofotogramétrico da Cidade de Santarém à escala 1:2000.

As áreas abertas para implantação de pilares foram determinadas naturalmente pelo projecto de estabilidade. A remoção de terreno nestes locais foi efectuada com recursos a meios mecânicos mas sempre com a presença da responsável pelos trabalhos de arqueologia. Foram também sensibilizados os trabalhadores envolvidos nestas tarefas para a natureza e importância dos trabalhos de arqueologia e para o tipo de achados que poderiam ocorrer, tendo-se verificado grande receptividade e interesse da parte dos mesmos no acompanhamento do processo. Procedeu-se ao registo das informações reveladas por estes trabalhos, nomeadamente a potencialidade estratigráfica, tipo de sedimentação / entulhamento e presença / ausência de estruturas e materiais arqueológicos significativos.

Foram abertas 12 sapatas quadrangulares com cerca de 1m<sup>2</sup>, sendo aberta na área central do edifício a construir uma área maior, com cerca de 4 x 3m, englobando as quatro sapatas previstas no projecto de estabilidade. De igual modo, três sapatas previstas a Oeste junto da sondagem 1 foram englobadas numa única vala. Para controle e registo estratigráfico as sapatas foram numeradas de 1 a 12, sendo designada a área central como “sapata central” e a vala como “vala W”.

## **Descrição dos Trabalhos**

### Sondagem 1

---

<sup>1</sup> Harris, Edward C.  
1989 - *Principles of archaeological stratigraphy*, 2nd edition. London / San Diego: Academic Press.

Carandini, Andrea  
1991 - *Storie dalla Terra: manuale di Scavo Archeologico*. Torino:Giulio Einaudi editore.

Após a retirada de um pavimento de cimento que cobria a área a sondar, identificou-se uma camada de entulhos e terra de jardim pouco compactada de cor castanho-acinzentado muito escuro (10YR 3/2 segundo a tabela de Munsell) com materiais arqueológicos contemporâneos, entre os quais se destacam abundantes materiais de construção (U.E. 1).

A U.E. 2, que se encontra sob a U.E. 1, é uma camada cinzenta clara (5Y 7/1) constituída por argamassas e pela própria rocha-base calcária em desagregação. Apresenta alguns materiais de construção, sendo praticamente estéril em outro tipo de vestígios arqueológicos. Esta unidade estratigráfica assenta directamente sobre a rocha-base.

Esta camada de terra/argamassas cobre um muro em alvenaria perpendicular à Torre, encostando ao cunhal da mesma (U.E. 3). É constituído por pedras não aparelhadas de dimensões médias e grandes e assenta sobre a rocha-base, à excepção da área da sapata de construção do alicerce da Torre em que assenta sobre o enchimento desta. Também sob a U.E.2 encontramos o cabouco da parede-contraforte da Torre, em alvenaria de pedra miúda e abundante argamassa (U.E.4). Assenta também sobre a rocha-base, à excepção da área da sapata de construção do alicerce da Torre. A sapata para implantação do alicerce da torre (U.E.5) é aberta na rocha-base, apresentando em planta forma quadrangular. A abertura da sapata permitiu a colocação do alicerce da Torre, constituído por blocos de pedra aparelhada formando dois “degraus” (U.E.7). O enchimento da sapata (U.E.6) é constituído por um nível de terra vermelho forte (2.5 YR 4/3), medianamente compactada com pouco material de construção. Os materiais arqueológicos são residuais (um escasso conjunto de fragmentos cerâmicos) e inconclusivos em termos de atribuição cronológica ou funcional.

A última unidade estratigráfica identificada à um muro em alvenaria de pedra miúda pouco cuidada de orientação N/S (U.E.8), tendo sido cortado pela construção da parede-contraforte da Torre. Tal como as outras estruturas, assenta directamente sobre a rocha-base, embora não apresente qualquer relação aparente com estas.

#### Acompanhamento da abertura das sapatas para implantação de pilares

A profundidade a que se encontrava a rocha-base é extremamente variável, sendo que a superfície geológica original deste local se apresentava muito irregular. A zona em que a rocha de base se encontrava a maior profundidade (cerca de 3.20<sup>m</sup>) corresponde à área da sapata central. Os locais onde o calcário de base se encontrava mais próximo da superfície actual correspondem à vala W, bem como às sapatas 2,3,e 12 (entre 1.10 e 1.50 <sup>m</sup> de profundidade).

A estratigrafia observada corresponde a níveis de entulhamento indiferenciados com presença de abundantes materiais de construção. Estes níveis são resultado de revolvimentos de terreno mais ou menos frequentes ao longo do tempo. Tal como na área que foi submetida a escavação arqueológica sistemática, os materiais arqueológicos apresentam um carácter residual e a inconclusivo em termos de atribuição cronológica ou funcional. Não foram observados quaisquer vestígios de estruturas que pudessem indiciar a presença de construções anteriores às contemporâneas existentes no local.

#### **Leitura das realidades arqueológicas observadas**

A primeira observação que permite a leitura dos dados arqueológicos sobre a História deste local é a constatação da ausência quase total de vestígios estruturais de construções anteriores às contemporâneas. Com efeito, à excepção do muro paralelo à muralha, identificada na área de sondagem arqueológica junto à Torre (U.E. 8), nenhum dado nos permite deduzir a existência de construções antigas neste espaço. Numa primeira leitura, parece verificar-se que este seria um local aberto, à excepção talvez da existência de construções adossadas à muralha. Esta hipótese de leitura é particularmente tentadora, sobretudo se confrontada com as interpretações urbanísticas de Mário Cardoso para a envolvente da Torre das Cabaças.

No entanto, o facto de não terem sido encontrados vestígios de edificações neste espaço não quer necessariamente dizer que elas não tenham existido, sobretudo se tivermos em conta o tipo de topografia e acumulação de sedimentos/entulhamentos no local. Pelas fontes históricas sabemos que este local é intensamente ocupado e que se verificaram nesta área situações de abandono / derrocada de imóveis com respectivas reconstruções. É possível

que a sucessão de construções e entulhamentos viessem perturbar a sobrevivência dos vestígios de eventuais ocupações antigas.

Já depois de terminada a escavação da sondagem 1, a observação e posterior picagem do reboco da parede-contraforte da Torre a Este, veio permitir a identificação de um vão de porta tapado. Curiosamente, a cota de soleira desta porta encontra-se 50cm acima da superfície do terreno do logradouro actual, não apresentando relação aparente com nenhuma das estruturas arqueológicas identificadas, nomeadamente a U.E.8, que numa leitura planificada poderia parecer a parede de fecho do hipotético compartimento a que esta porta daria acesso. No entanto, o que se verifica pela relação estratigráfica entre esta estrutura e o cabouco da parede-contraforte (U.E.4) é que esta última cortou a primeira para se apoiar na rocha de base, sendo de construção posterior. Da construção ou construções a que esta porta daria acesso não restam quaisquer vestígios no terreno, sendo provável que a posterior utilização deste espaço como logradouro tenha rebaixado a cota do solo de ocupação destruindo os mesmos. Em aberto fica também hipótese desta porta dar acesso directamente a um espaço não coberto, cuja cota seria contudo sempre superior à actual. Verifica-se aliás uma diferença altimétrica significativa (mais de 1m) entre os dois logradouros actuais separados apenas pela parede que serve de limite N à sondagem arqueológica.

Esta observação poderá ser exemplificativa do tipo de alterações / perturbações da construção de novos elementos arquitectónicos sobre os anteriores. Relativamente à potencialidade estratigráfica verifica-se aqui, como parece ser regra no planalto de Santarém, uma grande descontinuidade de acumulação de terras face ao calcário que constitui o estrato geológico sobre o qual se implanta a cidade. Essa descontinuidade de depósitos / entulhos foi sem dúvida a forma encontrada para vencer a irregularidade da superfície geológica, permitindo assim “construir” o planalto e sobre este implantar construções em diferentes épocas<sup>2</sup>. Este fenómeno terá contribuído também para a perturbação dos níveis arqueológicos, resultando a leitura estratigráfica nestes locais extremamente complexa e por vezes inconclusiva.

Dada a natureza da realidade arqueológica observada não é possível apresentar qualquer proposta para a leitura do urbanismo desta área, mantendo-se em aberto as propostas efectuadas pela análise histórica, que a arqueologia não confirma nem desmente. De igual modo, a ausência quase total, bem como o carácter residual e inconclusivo dos materiais arqueológicos observados, não permitem tecer quaisquer considerações sobre cronologia e faseamento da ocupação deste local da cidade.

A área de escavação sistemática junto ao cunhal da Torre das Cabaças veio elucidar algumas questões relativas à construção da mesma a nível de pormenores construtivos e sua relação com a muralha envolvente, ainda que não tenha apontado qualquer hipótese de cronologia para a sua fundação.

Na escavação efectuada no interior da Torre em 1992 foi identificado um nível de entulho desde a entrada da Torre até ao 1º piso, que foi interpretado como correspondente a “uma das fases de alteamento da torre [podendo] ter um papel importante na estabilidade da estrutura” (Viegas 1993). Na presente intervenção arqueológica foi identificado o alicerce da Torre no seu cunhal NE, constituído por blocos de pedra aparelhada formando dois “degraus”, assentado numa sapata quadrangular aberta na rocha de base com cerca de 65cm de profundidade. As características desta fundação, bem como a espessura das paredes da Torre, que funcionam elas próprias como elementos estruturais, parecem ser suficientes para garantir a estabilidade do edifício mesmo com a sua altura actual, o que levaria a re-equacionar a interpretação do seu entulhamento. No entanto, há que ter em conta que foi apenas observada uma pequeníssima parte das fundações do edifício, podendo não ser válida a observação que fizemos noutros pontos estruturais do mesmo. De igual modo podemos pensar que a *intenção* do entulhamento tenha sido a de garantir a estabilidade pela ocasião do alteamento da estrutura, ainda que não o fosse estritamente necessário por razões meramente técnicas<sup>3</sup>.

Relativamente à relação da Torre com a muralha envolvente, os trabalhos arqueológicos vieram esclarecer algumas questões que se colocavam relativamente integração da Torre actual no primitivo sistema defensivo da cidade. Genericamente considera-se que a Torre das Cabaças estava integrada na cintura das muralhas defensivas de Santarém, sendo uma das oito portas que esta possuía, sendo que a sua posterior utilização como Torre do

<sup>2</sup> Cf. as teses que têm vindo a ser defendidas por Jorge Custódio no âmbito dos trabalhos de preparação da Candidatura de Santarém a Património Mundial.

<sup>3</sup> Agradece-se a Jorge Albergaria, engenheiro da Divisão de Núcleos Históricos da C.M.S., a colaboração prestada na leitura das questões estruturais da estabilidade da Torre a partir dos dados revelados pela intervenção arqueológica.

relógio resultaria da remodelação do edifício preexistente (Serrão 1990:27). No entanto, foi levantada também a hipótese de terem existido “duas torres distintas que se sucedem no tempo e que erigidas em espaço contíguo não se confundem nas fundações ou nos alicerces respectivos”. A primitiva torre teria sido assim demolida para dar lugar ao actual Cabaceiro (Cardoso: 4, 14-15).

Pelos dados revelados nesta intervenção arqueológica verifica-se que a construção da Torre é solidária com a construção da muralha ainda hoje existente no local. Com efeito, o muro perpendicular à face N da Torre (U.E.3), que serve de suporte/alicerce à construção da muralha, assenta directamente sobre o enchimento da sapata do alicerce da torre. Se a actual torre tivesse sido implantada após a destruição de uma primitiva estrutura integrada na muralha teria de verificar-se a destruição desta para a construção das suas fundações. De igual modo, não se regista nenhuma unidade estratigráfica que possa ser interpretada como resultado da demolição de um anterior edifício preexistente. Se foi levantada a hipótese de poderem ter existido construções nesta área, de provável carácter habitacional e estrutura modesta, cujo registo arqueológico foi destruído por remeximentos do solo mais ou menos frequentes, tal já não parece possível ter acontecido com a eventual demolição de um edifício com as características que teria uma das torres de entrada da cintura muralhada da cidade.

Assim, os resultados da presente intervenção arqueológica apontam no sentido da confirmação das propostas existentes para a caracterização da actual Torre das Cabaças como um edifício militar integrado no sistema defensivo da cidade, verificando-se a sua relação directa com o troço de muralha ainda existente no local. Num segundo momento, teria sofrido alterações na sua estrutura e funcionalidade, passando a servir a cidade como Torre do Relógio. A integração cronológica dos momentos de construção e remodelação do edifício continua a ter de ser feita através das fontes históricas, que apenas (?) nos fornecem dados que garantem a anterioridade da torre militar a 1306, e da instalação do relógio em data que precede a de 1462.

Relativamente ao urbanismo envolvente, os dados arqueológicos revelados não são suficientes para apresentar qualquer proposta de reconstituição do mesmo. Verifica-se aqui, como aliás é regra nos solos urbanos em geral e no Centro Histórico de Santarém em particular, grandes dificuldades de leitura estratigráfica devido às características da sua intensa ocupação ao longo do tempo. De igual modo, a especificidade da topografia e constituição geológica da cidade contribuem para o recurso frequente a aterros e entulhamentos como forma de regularização da superfície a construir, bem como à escavação do próprio substrato rochoso, constituído por calcários bandos, para obter solo firme de construção (ou mesmo para implantação de estruturas como os silos, tão característicos da ocupação islâmica de Santarém). Estes factores actuam assim como condicionantes do registo arqueológico das diferentes fases de ocupação de Santarém, verificando-se a necessidade de um programa concertado de estudo da informação arqueológica registada em diferentes pontos do centro histórico (que não deve esquecer o confronto com outro tipo de fontes complementares), numa perspectiva na qual cada intervenção arqueológica contribui como parte num todo que se pretende ser a História da Cidade.

## Bibliografia

BEIRANTE, Maria Ângela V. da Rocha

1980 - *Santarém Medieval*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

1981 - *Santarém Quinhentista*. Lisboa: [s.n.].

BRANDÃO, Zeferino

1883 - *Monumentos e Lendas de Santarém*. Lisboa: David Corazzi .

CARDOSO, Mário

[s.d.] - *Santarém: A Torre de Alpram*. Estudo manuscrito disponibilizado por cortesia do autor.

CUSTÓDIO, Jorge

1977 - O Cabaceiro ou a Ironia do Destino. *Correio do Ribatejo*. (9 Dez. e 16 Dez.)

1991 - Memória Histórica. In Câmara Municipal de Santarém -*Torre do Relógio de Santarém: Memória Descritiva e Histórica*. Santarém: Câmara Municipal de Santarém. Texto que acompanha o Projecto do Núcleo Museológico do Tempo, policopiado.

OSÓRIO, José

1926 - A Torre das Cabaças em Santarém era, segundo um curioso documento, a Torre do Relógio no tempo dos Filipes". *Correio da Estremadura*. (10 Abr.). Cit. em Custódio 1991, nota 12.

SERRÃO, Vítor

1990 - *Santarém*. Lisboa: Editorial Presença. (coleção *Cidades e Vilas de Portugal* nº11).

VASCONCELLOS, Pe. Inácio de

1740 - *História de Santarém Edificada*. Lisboa: [s.n.]. (Parte I p.281)

VIEGAS, Catarina

1993 - *Intervenção Arqueológica na Torre das Cabaças - Centro histórico de Santarém*. Relatório preliminar, policopiado.

## **Anexos**

### **Reconstituição do urbanismo envolvente da Torre de Alpram ( Segundo Mário Cardoso)**

- 1- Troço de muralha existente a Norte visto do alto da Torre das Cabaças (Foto Mário Cardoso)
- 2- Troço de muralha e vestígio de “postigo” ou porta (Foto Mário Cardoso)

#### **Intervenção Arqueológica no largo Zeferino Sarmiento / Conselheiro F. Leal**

Aspecto dos trabalhos na vala W

#### **Intervenção Arqueológica no largo Zeferino Sarmiento / Conselheiro F. Leal**

Sapata 12

#### **Intervenção Arqueológica no largo Zeferino Sarmiento / Conselheiro F. Leal**

Aspecto final dos trabalhos de escavação na sondagem 1

#### **Intervenção Arqueológica no largo Zeferino Sarmiento / Conselheiro F. Leal**

Pormenor do alicerce da Torre